

PRA FRENTE BRASIL! PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL ATRAVÉS DA RELAÇÃO ESTADO-ESPORTE

Jônatas Vinicius Souza dos Santos¹
Vanessa Simon Cavalcanti²

RESUMO: *O futebol, mais do que um esporte, é um negócio, capaz de viabilizar processos de ideologia e controle de massas. No Brasil, desde os tempos de Getúlio Vargas, os políticos encontraram no futebol uma ferramenta de propaganda estadista. A pretensão do trabalho, é conhecer as estratégias do futebol sob o controle do estado, como este utilizou a reação popular para legitimar suas ações.*

Palavras-chave: História Social do Futebol; Identidade Nacional; Políticas Ideológicas

HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL BRASILEIRO: PRIMEIROS ANOS DO “ESPORTE BRETÃO” NO PAÍS

Ao contrário do que acontece hoje, o futebol nos primórdios se tratava de uma prática elitista, que distinguia os ricos e excluía os pobres. Aos poucos, o futebol que estava sendo introduzido no país pelos europeus, sobretudo os ingleses. No início do sec. XX, a prática passou a ser mais do que uma formação física do corpo. Passou a ser vista como uma atividade “civilizadora”, o necessário para atingir padrões de saúdes “adequadas a raça” e diferenciar das classes mais populares. Os primeiros times surgiam, a exemplo do ainda contemporâneo Fluminense Football Club, um dos primeiros clubes criados para o jogo de futebol.

Freqüentado pela aristocracia carioca, o futebol aos poucos foi se transformando no centro social da juventude. As moças da alta sociedade da capital federal eram presença freqüente em seus jogos, “torcendo seus lenços” enquanto assistiam seus pretendentes em campo.

O certo é que o futebol acompanha a história geral do nosso país. A democratização do esporte, sobretudo relacionada a inclusão do negro, foi muito difícil. Outro clube do Rio de Janeiro tornou-se um marco para a história do nosso futebol. O Clube de Regatas Vasco da Gama, com um time “modesto e mestiço” fez grande sucesso durante a década de 20. Neste período, na esfera política, alguns movimentos, direta ou indiretamente, contribuíram para a inclusão social como o Tenentismo, o modernismo, a revolução de 30 e as influências comunistas. Mesmo com o racismo impregnado nos principais times do país, os times operários e suburbanos conseguiram seu espaço nas principais disputas, e diminuíram esse abismo. Apesar de resistências, a difusão do futebol para população foi irreversível.

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Jorge Amado. Aluno especial do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e-mail: souzajonatas@yahoo.com.br

² Pós-doutorada em Humanidades pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Orientadora.

FUTEBOL E POLÍTICA: PRIMEIRAS INTERAÇÕES

O profissionalismo do futebol, nos anos 30, ajudou bastante a popularização do esporte. Porém, a paixão dos torcedores se restringia especialmente as suas agremiações regionais.

Viria a implantação do Estado Novo, em 1937. Até então, o Brasil tinha disputado as duas copas do mundo realizadas, em 1930 e 1934. Com desempenho pífio em ambas, tendo um sexto lugar em 1930 como melhor resultados, a seleção era o fruto das desavenças políticas entre São Paulo e Rio de Janeiro. Até então, não existia um verdadeiro elo entre a Seleção e o Governo nacional. Getúlio Vargas surge para inaugurar essa interação, que se repetiria por muitas vezes e seria cada vez mais estreita. Vargas era um grande admirador da originalidade do jogo brasileiro. A propaganda estadonovista tratava de associar essa originalidade com a capacidade de gerir a nação do regime totalitário.

O Brasil organiza-se para a disputa da Copa do Mundo de 1938. A presença de negros na seleção era o símbolo da democracia racial. Gilberto Freyre defendia em suas teses sobre identidade nacional, que a mestiçagem era o trunfo que diferenciava o futebol brasileiro dos demais. A difusão e popularização do rádio, como instrumento de comunicação, além de divulgar a imagem de Vargas perante a nação, aproximou as transmissões esportivas da população em todo país.

Após a disputa da competição, o terceiro lugar e uma dura disputa de semi-final onde o Brasil saiu derrotado pela Itália, o país ficou marcado pela tristeza e decepção. O resultado foi tratado como uma verdadeira desgraça nacional. Os jogadores foram recebidos como verdadeiros heróis, exaltados pelo povo, coberto do mais puro sentimento de nacionalismo. A comoção popular foi de fato o maior título para o governo varguista. Pela primeira vez se viu no país um episódio de tanta exaltação do sentimento de patriotismo. O futebol é inaugurado como elemento de aproximação e identificação nacional.

Passada a IIª Guerra Mundial, o fim do Estado Novo, o Brasil se prepara para organizar a Copa do Mundo de 1950. O Presidente Eurico Gaspar Dutra, “sucessor e antecessor de Vargas”, seria o responsável por fazer do evento um “divisor de águas” para o país. Em apenas dois anos, é erguido o Maracanã, exemplo da grandiosidade capacidade empreendedora que o Brasil desejava vender. “Curiosamente”, na inauguração do estádio, em 16 de junho de 1950, Getúlio Vargas lança campanha a presidência da República. Aliás, o mundial ficou marcado pelas eleições. Era freqüente a presença de candidatos nos estádio e vestiários das equipes. O certo, é que apesar dos esforços e da participação popular para o tão esperado título, o Brasil perdeu a final em pleno Maracanã para o Uruguai, episódio que ficará para sempre conhecido como “Maracanaço”. Se em 1938, os ares ficaram marcados como uma desgraça nacional, o Maracanaço, para o escritor Nelson Rodriguez seria a “Hiroshima brasileira”.

Diante do sucesso do futebol com a população nacional, Juscelino Kubitschek, seria o próximo presidente a se aproveitar da paixão nacional do futebol. A Copa do Mundo de 1958 entraria para história por dois motivos: Se tratava do primeiro título do *scratch canarinho*, e surgia Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Com apenas 17 anos, foi decisivo para a conquista do inédito título. Para especialistas, apaixonados e leigos pelo esporte, foi o maior de todos os futebolistas da história. Este também não deixaria de ter sua imagem vinculada a política, especialmente na era militar, que veremos mas a frente. Considerado pelos especialistas este

transforma cada jogo da seleção. O certo é que JK transformava cada jogo em um verdadeiro ritual político. O certo é que durante o certame, foram realizadas varias mudanças ministeriais, que tiveram pouco foco da mídia e passou praticamente despercebida diante os populares. Para além de todas as cerimônias, desde o uso do avião presidencial pelos jogadores no retorno da Suécia – sede da competição, distribuição de honrarias, essa copa é considerada por analistas do primeiro grande momento de interação entre o presidente e o povo, mesmo depois de dois anos de governo.

Mais tarde, em 1962, o Brasil partiria em ao Chile, rumo a conquista do bi-campeonato. Na política, João Goulart assumia a presidência do país numa tumultuada sucessão a Jânio Quadros, que renunciou um ano antes. Para Jango, como era chamado, o futebol seria um importante instrumento de legitimação política. Sobretudo, estava as vésperas do plebiscito que poderia lhe devolver os plenos poderes da presidência. Certo é que a influência política do futebol chegara a extrapolar as barreiras das “quatro linhas”. O grande craque revelado pelo Brasil em 1958, Pelé, viria a se machucar durante a disputa do campeonato. Ainda assim, o Brasil desempenhava um grande futebol, comandado por Manuel dos Santos, o “Mané Garrincha”. Porem, durante o jogo semifinal contra os donos da casa, este se envolveu em uma confusão e foi expulso da partida, o que pela regra determina que o jogador está excluído da próxima partida.

Através de orientação do presidente, o então primeiro ministro do estado brasileiro, Tancredo Neves, a intervir junto a entidade mantenedora da competição, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), em nome do “povo brasileiro”. Resultado: A FIFA absolveu o jogador da expulsão, este foi liberado a jogar a final, o Brasil enfrentou a antiga Tchecoslováquia, venceu e ficou com o titulo. Lembrando que neste momento, o contexto universal, era de um mundo Bi-polarizado, e a Tchecoslováquia seguia as orientações políticas do bloco “socialista”, liderado pela União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS). O fato é que muitas analista consideraram esse fato como trunfo para liberação de Garrincha para o jogo, sustentando-se no fato da FIFA ter receio de que um país socialista pudesse vencer a competição.

O SCRATCH ARMADO: MILITARES, CANARINHOS E “AQUELA CORRENTE PRA FRENTE”

“De repente é aquela corrente pra frente,
parece que todo o Brasil deu mão,
todos ligados na mesma emoção,
tudo é um só coração.”

Marcha de Miguel Gustavo para a Copa do Mundo de 1970

O Brasil, como outros países da América Latina, passou por um processo cruel em sua história, capaz de deixar marcas até hoje. As Ditaduras militares destruíram esperanças, sentimentos e vidas por onde passou. Entre 1964 e 1985, fomos vítimas desse duro modelo de governo. Por trazer grande insatisfação ao público que a ela foi sujeita, a ditadura tentou criar a imagem de um país que “caminhava bem”. E o futebol, foi uma das principais ferramentas para forjar essa identidade.

Ao falar em futebol nos tempos militares, a referência é o governo do General Emilio Garrastazu Médici, entre 1969 e 1974. Este atingiu a fama, por ter seu governo conhecido como

o auge da repressão militar. Os direitos fundamentais do cidadão estavam suspensos pelo Ato Institucional Número 5. A sociedade brasileira sentia a “mãos-de-ferro” da ditadura. Ao mesmo tempo a economia crescia como poucas vezes antes. O Produto Interno Bruto³ (PIB) era maior a cada ano. O Brasil vivia um paradigma: O país vai bem, mas o povo ia mal.

Médici não poupava esforços para melhorar sua imagem com o povo. A propaganda militar, com seus jargões ufanistas como “Brasil, ame-o ou deixe-o” gastou milhões de cruzeiros⁴, então moeda da época, para aproximar-se do povo.

Então nada melhor do que o futebol, uma paixão comum à maioria dos quase noventa milhões de habitantes da época, para alienar a sociedade. As semelhanças da política ideológica se aproximam do “pão e circo”⁵ da Roma Antiga, dentro das suas devidas proporções. Por isso o Governo Militar não poupou esforços, muito menos dinheiro.

O maior de todos os nossos jogadores, Pelé, em novembro de 1969, chegou ao seu milésimo gol em sua carreira. Esse momento se tornaria um grande episódio para exaltar as emoções do povo brasileiro. Aproveitando o momento de euforia que o país vivia, pós-milésimo gol de Pelé e pré-copa de 70, o governo de Médici lançava a Loteria Esportiva, mesclando a paixão do brasileiro pelo futebol com o sonho do enriquecimento.

Mas sem dúvida, o ápice foi o dia 21 de junho de 1970. Nessa manhã de domingo, o país se concentrou nos rádios e televisores. Na Cidade do México, o Brasil se tornara Tri-campeão mundial de futebol. O país estava em estado de graça. Os jogadores eram heróis nacionais. Desfilavam em carro aberto, prêmios e condecorações foram distribuídas. Andar de carro nas ruas brasileiras sem uma bandeira verde-amarela tornou-se então uma temeridade. O projeto chefiado pelo presidente Médici, dava certo. Numa seleção, que desde a comissão técnica até a sua organizadora, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos, atualmente Confederação Brasileira de Futebol) era formada por militares e aliados, o Brasil chegava ao cobiçado título.

O governo explorou de todas as formas possíveis o título conquistado. Relacionou-se até o desempenho da seleção com o “Milagre Brasileiro”⁶. Até o desempenho da seleção era o

³ A fase áurea da ditadura foi entre 1969 e 1974 — período denominado de “Milagre Econômico”. Em seis anos o PIB per capita cresceu 60,8%, a indústria de transformação 111,2% e a produção de veículos 215%. (BUONICORE, 2005)

⁴ Segundo o Banco Central do Brasil, o Cruzeiro era a então moeda vigente neste período, seu símbolo Cr\$. Sua paridade (relação) com moeda anterior era 1,00 cruzeiro novo = 1,00 cruzeiro. A fundamentação legal da alteração da moeda veio da Resolução do Banco Central n.º 144, de 31.03.70.

⁵ Com o crescimento urbano, vieram também os problemas sociais para Roma. A escravidão gerou muito desemprego na zona rural, pois muitos camponeses perderam seus empregos. Esta massa de desempregados migrou para as cidades romanas em busca de empregos e melhores condições de vida. Receoso de que pudesse acontecer alguma revolta de desempregados, o imperador criou a política do Pão e Circo. Esta consistia em oferecer aos romanos alimentação e diversão. Quase todos os dias ocorriam lutas de gladiadores nos estádios (o mais famoso foi o Coliseu de Roma), onde eram distribuídos alimentos. Desta forma, a população carente acabava esquecendo os problemas da vida, diminuindo as chances de revolta. (CHRISTOL; NONY, 1993)

⁶ O período compreendido entre 1968 e 1973 é conhecido como a fase do “milagre” quando, sob o regime militar, o crescimento da economia brasileira apresentou uma extraordinária aceleração, com ampliação média de 11% ao ano. O nosso “milagre” foi abalado pela crise do petróleo de 1973, já que a elevação dos preços comprometia o desenvolvimento de um país onde o consumo era crescente e a maior parcela do petróleo era importada. Mesmo assim, o país ainda manteve bons níveis de aceleração econômico-industrial até o final dos anos 70, numa fase conhecida como o “pós-milagre”. Esse crescimento esteve relacionado com os grandes investimentos em infraestrutura do regime militar e o duro controle sobre as manifestações dos trabalhadores, que garantiu a mão de obra barata e, juntos levavam à atração de novos investimentos. (SKIDMORE, 1975).

exemplo de um país que crescia e se modernizava. Médicos e os militares aproveitaram como puderam desse momento de euforia nacional.

Depois do tri campeonato, o futebol se populariza ainda mais. Mudanças na estrutura do esporte foram realizadas, afim de aumentar o apelo popular pelo esporte. O primeiro passo foi a criação do primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol, em 1971. Composto pela exorbitante marca de 96 times, era comum se dizer que “se a cidade vai mau, monta-se um bom time de futebol”.

Surgem nas principais capitais do país os grandes estádios. Seguindo o exemplo do Maracanã, grande templo do esporte brasileiro, cidades como Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Belém entre outras, construíram grandes estádios, com capacidades próximas a 100 mil pessoas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**. Rio de Janeiro: Mauad / Faperj, 2002.

CALDAS, Waldenir. **O pontapé inicial – memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CHRISTOL; M.; NONY, D. **Roma e o seu império das origens às invasões bárbaras**. Lisboa, D. Quixote, 1993.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX**. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MURAD, Mauricio. “Nos pés do povo” in **Revista Nossa história**, Ano 03, nº 32. São Paulo: Vera Cruz, Junho 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo** (3a. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo** (6a. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

YALLOP, David A. **Como eles roubaram o jogo**. Rio de Janeiro: Record, 1998.